

AS SENTENÇAS RELATIVAS COM NÚCLEO DO PB NOS DADOS DE ESCRITA DO LÁCIO-REF

BP HEADED RELATIVES IN LÁCIO-REF'S WRITING DATA

Elisabete Baú

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul
beti.bau@gmail.com

Rejane Camila Nickel

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul
rejanecnickel@hotmail.com

Ani Carla Marchesan

Doutora pela UFSC e Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul
animarchesan@gmail.com

Resumo: As sentenças relativas representam um importante campo da sintaxe a ser explorado. Desta forma, o objetivo deste trabalho consiste em analisar as relativas com núcleo em dados da escrita do PB, verificando as modificações que elas vêm sofrendo. Para isso, 176 sentenças do Projeto Lácio-Ref foram analisadas, buscando verificar qual estratégia de relativização está sendo mais utilizada na escrita, para compará-las a demais pesquisas desenvolvidas sobre o assunto. Os resultados da pesquisa mostraram que a estratégia da relativa padrão é a mais utilizada nos dados analisados, corroborando os estudos de Bagno (2001) e Souza (2006). Através deste trabalho, percebe-se que, apesar das crescentes modificações da língua, ainda há uma grande preocupação com a forma padrão nas produções jornalísticas.

Palavras-chave: Sentenças relativas; Dados de escrita; Gramática gerativa.

Abstract: Relative clauses represent an important field to be explored in syntax. In this way, this work aims to analyze headed relative clauses in Brazilian Portuguese written data, verifying changes that it has been suffering. For this, 176 clauses from the Lacio-Ref Project were analyzed trying to verify which relativization strategy is more used in writing and then compare the results with other researches that were developed in this subject.

The results show the standard relative clause strategy is more used in the data, which agrees with Bagno (2001) and Souza (2006). Through this work, it can be asserted that, despite great modifications in the language, there is still great worry about the standard form in journalistic productions.

Keywords: Relative clauses; Written data; Generative grammar.

Introdução

Observar e analisar as construções da língua é algo que instiga e desafia os estudiosos. Perceber que ocorrem diferenças entre modalidades distintas (escrita e fala) possibilita uma análise mais apurada, uma vez que a língua escrita geralmente é mais conservadora que a língua falada e, desta forma, aproxima-se da norma culta, que é considerada, ao menos pela escola, a língua de prestígio, apesar de ser usada por uma minoria de falantes. (CORRÊA, 1999, p. 72).

As sentenças relativas (com núcleo nominal) são um exemplo de construção que apresenta diferenças nas modalidades escrita e falada. Elas se dividem entre as chamadas *relativas padrão*, como as que estão entre colchetes em (1), que são as construções de prestígio ensinadas na escola e mais frequentes na língua escrita; e as *relativas não padrão*, como as entre colchetes de (2), mais frequentes na língua falada (TARALLO, 1983; CORRÊA, 1999; VALER, 2008):

- (1) a. Este é o menino [de que Maria gosta].
b. Este é o menino [que Maria conhece].
c. Este é o menino [cujo pai está doente].

- (2) a. Este é o menino [que Maria gosta].
b. Este é o menino [que Maria gosta dele].
c. Este é o menino [que Maria conhece ele].

Vários trabalhos, com base em dados de fala coletados por meio de entrevistas (Cf. TARALLO, 1983; BAGNO, 2001; VALER, 2008, entre outros) mostram que, em português brasileiro (PB), as construções relativas não padrão (2) são as mais utilizadas.

No que diz respeito a dados de produção escrita, poucos estudos foram feitos. Os trabalhos desenvolvidos por Bagno (2001) e Mollica (2006), Souza (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012) mostram que as relativas resumptivas (2b e 2C) e cortadoras (2a) também apresentam ocorrências em produções escritas, inclusive em meios de comunicação em que a norma culta prevalece, como em jornais de grande e média circulação em nosso país e produções acadêmicas. No entanto, esses usos ainda são poucos. Mesmo assim, de acordo com Mollica (2006), podemos dizer que os textos escritos carregam marcas da oralidade.

Desta forma, este trabalho objetiva averiguar quais são as estratégias de relativização mais utilizadas em dados de escrita (jornais) do PB e comparar os resultados dessa pesquisa com os trabalhos de Bagno (2001), Mollica (2006), Souza (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012), como forma de dar continuidade a esses estudos. Para tanto, o foco desta pesquisa consiste na análise de dados de escrita, mais precisamente em textos de jornais retirados do Lácio-Ref, *corpus online* que faz parte do Lácio-Web, projeto que conta com a parceria entre o Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. As questões de pesquisa que pretendemos responder são:

- a) Quais são os tipos de relativas mais frequentes nos dados de escrita analisados?
- b) Como se comportam esses resultados em relação aos de Bagno (2001), Mollica (2006), Souza (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012), que também analisaram dados de escrita?

Ao contrário de Bagno (2001), Mollica (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012), nossa hipótese é que, apesar de as sentenças orais não-padrão (do tipo de 2) migrarem para a língua escrita, por questões de regularização paradigmática ou simplificação (Cf. MOLLICA, 2006); em textos jornalísticos, a opção mais frequente ainda são as construções relativa padrão, por ser uma esfera que contém textos com linguagem mais formal. Além disso, hipotetizamos, na esteira de Mollica (2006), que a relativa resumptiva (2b e 2c) é a mais estigmatizada na escrita – assim como na fala – e, por isso, terá pouca ou nenhuma ocorrência nos dados que serão analisados.¹

¹ Cabe destacar que as sentenças resumptivas são estigmatizadas por serem mais facilmente percebidas pelos falantes, diferentemente das cortadoras cujo corte da preposição realizado pelo usuário da língua não é percebido.

Este artigo está organizado em cinco seções. Na Seção 2, definimos as características das sentenças relativas que serão analisadas. Na sequência, Seção 3, mostramos algumas pesquisas já desenvolvidas, como as de Bagno (2001), Mollica (2006), Souza (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012), que analisaram as realizações de sentenças relativas em dados de escrita. A metodologia adotada para este trabalho será apresentada na Seção 4 para que, na Seção 5, possamos analisar dos dados coletados, comparando-os às outras pesquisas desenvolvidas (aquelas descritas na Seção 3). Por fim, a seção 6 coloca nossas conclusões sobre o trabalho desenvolvido.

2 Características das relativas

As relativas analisadas neste trabalho são produções que ocorrem na fala e na escrita do PB atual: relativas padrão e relativas não-padrão (cortadoras e resumptivas). No entanto, antes de descrever as características dessas sentenças, precisamos definir o que estamos chamando de relativas.

As relativas² são sentenças encaixadas e como tal, são encaixadas como adjunto do nome (Cf. CHOMSKY, 1977):

- (3) a. João procurou a Maria [que vende trabalhos acadêmicos].
b. *João procurou que vende trabalhos acadêmicos.

Em (3a), a sentença encaixada, entre colchetes, estabelece uma relação de adjunção ao nome *Maria*, pois está na dependência desse nome (o que justifica a agramaticalidade de 3b em que o nome foi apagado) e especifica esse nome, que é o núcleo da sentença matriz.

No entanto, de acordo com Marchesan (2008, p. 14), ser uma sentença encaixada não é fator determinante para classificá-la como relativa, já que há sentenças encaixadas que não são relativas:

² Não entraremos na discussão a respeito das características das relativas livres do tipo que está entre colchetes em (i), abaixo. Para uma discussão sobre tais sentenças, consultar Marchesan (2008; 2012).

(i) João encontrou [quem a Maria ama].

- (4) “Poucos imaginam [que a condutividade eletrônica de moléculas discretas possa atingir valores realmente impressionantes, sem paralelo na área de materiais]”. (JO-IF-JORUSP-cul-10mar03_01)

Em (4), o constituinte entre colchetes, apesar de ser encaixado na sentença matriz, não é uma relativa. É uma completiva, pois funciona como complemento do verbo *imaginar*. Para excluir do rol das relativas sentenças encaixadas como a de (4), temos que lembrar que, além de ser encaixada, as relativas estão na dependência de um núcleo nominal (também chamado de *pivô*, *núcleo*, *antecedente* etc.), e esse núcleo é compartilhado com a sentença matriz:

- (5) Feynman registrou a **frase** [que lhe deu o título de celebridade do ano].

Em (5), a sentença entre colchetes está encaixada no núcleo nominal *frase*. Esse é o constituinte compartilhado, pois faz parte do argumento interno de *registrar* e, ao mesmo tempo, é o argumento externo (sujeito) do verbo *dar*.

Esse constituinte compartilhado pode ser recuperado se dividirmos, por questões de interpretação, a sentença que contém uma relativa em duas sentenças simples (cf. MARCHESAN, 2008, p. 15):

- (6) a'. Feynman registrou **a frase**.
a". **A frase** lhe deu o título de celebridade do ano.

Através dessa estratégia, conseguimos recuperar o constituinte relativizado – o núcleo nominal *frase*. Observe que na sentença (5) não há repetição desse núcleo nominal *frase*, assim como não há repetição do núcleo nominal *Maria* em (7a), abaixo. Isso ocorre porque na relativa há uma categoria vazia (*ec*) na posição onde o núcleo nominal deveria estar localizado. Outra opção é a encaixada conter um pronome resumptivo (também chamado de pronome lembrete) no lugar da *ec*, como em (7b):

- (7) a. João conhece a **Maria_i** [que_i o Pedro ama **ec_i**].
b. João conhece a **Maria_i** [que_i o Pedro ama **ela_i**].

Nas sentenças acima, o núcleo nominal *Maria* é correferente à categoria vazia (*ec*), em (7a), e ao pronome resumptivo *ela*, em (7b); através do Spec do CP encaixado. O Spec do CP vai conter o pronome relativo *que*, se considerarmos esse morfema um pronome relativo (KATO, 1993), ou vai conter um Operador Nulo (ON), se o considerarmos um complementizador. (CHOMSKY, 1977).³

Outra característica das relativas é que o núcleo nominal deve estar adjacente ao pronome relativo, e esse pronome relativo deve estar na periferia esquerda da sentença, como mostram as sentenças em (8):

- (8) A **música** [**que** cantei na apresentação].
b. O **museu** [**que** visitei nas férias].

A única possibilidade de essa adjacência ser quebrada é quando há uma preposição entre o pronome relativo e o núcleo nominal:⁴

- (9) a. Escutei a música [**da** qual você me falou].
b. O museu [**do** qual falei] está em reformas.

Em (9a) e (9b), podemos perceber que entre o pronome relativo *qual* e os núcleos nominais *música* e *museu* existe as preposições *da* e *do* respectivamente. Note que as preposições de (9) são fruto de movimento. Elas são movidas para a periferia esquerda da sentença junto com o pronome relativo. Sendo assim, podemos dizer que a adjacência ocorre entre o núcleo nominal e a expressão wh (preposição mais pronome relativo).

³ Não entraremos na discussão sobre o *que* ser ou não pronome relativo. Sobre esse assunto, remetemos o leitor para os trabalhos de Chomsky (1977), Tarallo (1983) e Kato (1993). Neste artigo, por questões de uniformização, o morfema *que* será considerado um pronome relativo.

⁴ Nos dados de fala, talvez por questões de restrição de memória e/ou por fluxo de pensamento, Tarallo (1983, p. 80) acrescenta que pode haver entre o núcleo nominal e o pronome relativo um “material interveniente” (*intervening material*) que pode ser uma outra sentença relativa, uma pausa, uma sentença subordinada etc. Por oportuno, dois exemplos do autor:

(i) Mas se você encontrasse uma mulher que você gostasse muito dela, e que ela gostasse muito de você? (SP81-1-J-163)

(ii) O único higiênico que tinha lá era o Garanhão, o único, que ele fez um banheiro para ele de 12 metros quadrados. (SP81-1-11-258)

Esse tipo de ocorrência não se repete em dados de escrita.

Essa característica, exemplificada através das sentenças (8) e (9), faz com que excluamos do rol das relativas sentenças encaixadas como (10), abaixo, que contêm um constituinte compartilhado, apesar de não ter uma relativa:

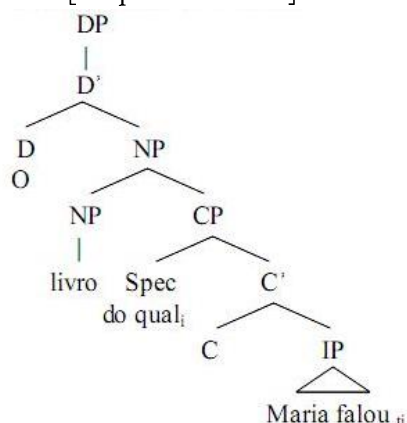
(10) João_i disse [que_i ec_i está procurando a Maria].

Em (10), apesar de haver um constituinte compartilhado (*João*), não podemos classificar a sentença entre colchetes como relativa, pois não há adjacência entre *João* e o *que*. A sentença encaixada está completando a grade argumental do verbo *dizer* (toda encaixada é argumento interno de *dizer*) e é, portanto, uma completiva. Tal afirmativa também pode ser confirmada devido ao fato de não conseguirmos dividir a sentença (10) em duas sentenças simples.

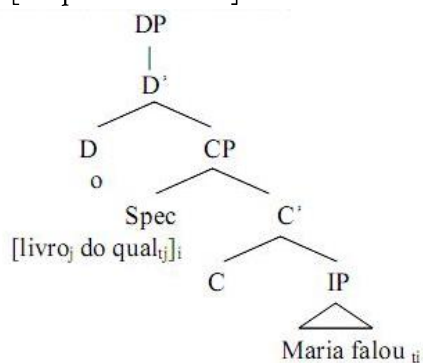
Quanto à função sintática, a relativa é considerada adjunto do nome, no Modelo Tradicional consolidado pelo trabalho de Chomsky (1977).⁵ Já o pronome relativo poderá exercer várias funções sintáticas. As mais recorrentes são as de sujeito (11a), objeto direto (11b), objeto indireto (11c), adjunto adverbial (11d) e adjunto adnominal (11e):

⁵ Na literatura sobre relativas, destacam-se duas análises: a primeira proposta por Ross (1967) e consolidada por Chomsky (1977), chamada de *Modelo Tradicional* ou *Standard* (representada em (i.a)), em que a relativa é vista como adjunto do nome; e a segunda, inicialmente proposta por Brame (1968), denominada *Modelo Raising* ou *Alçamento* (representada em (i.b)), em que a relativa é tida como complemento do determinante:

(i) a. O livro [do qual Maria falou].



b. O livro [do qual Maria falou].



De acordo com Áreas (2002), na década de 80, o Modelo Tradicional (i.a) destacou-se, tornando-se referência para os estudos sobre as sentenças relativas. Esse modelo caracteriza-se pelo fato de o alvo da relativização ser um NP e por haver movimento do pronome relativo para o Spec do CP (*wh-movement*). Esse NP não faz parte da estrutura de CP, ou seja, CP e NP se relacionam através de uma adjunção. Além disso, a relativa é vista como um **adjunto do nome**.

Devido à influência do trabalho de Kayne, nos anos 90, o Modelo *Raising*, iniciado por Brame (1968), voltou a ser utilizado para descrever os estudos das relativas, afirmando que a ordem dos constituintes

- (11) a. O garoto [que_i ec_i está doente] é meu irmão.
b. O garoto [que_i João criou ec_i] está doente.
c. O garoto [[de que]_i Maria gosta ec_i] está doente.
d. João chegou na casa no momento [[em que]_i a Maria saiu da loja ec_i]
e. Este é o pai [cujo_i garoto ec_i está doente].

Uma característica interessante que as sentenças de (11) revelam é que, apesar de serem correferentes, o núcleo nominal e a categoria vazia podem ter funções sintáticas distintas. Em (11b), por exemplo, o núcleo nominal *garoto* exerce a função sintática de sujeito na sentença matriz e, na sentença encaixada, de objeto direto.

Por fim, em PB, qualquer pronome relativo pode encabeçar uma relativa:

- (12) a. “[...] Aristóteles, [**para quem** a região 'supralunar' (o Universo) era constituída de uma substância chamada 'éter' e caracterizada por movimentos circulares e contínuos]”. (JO-IF-JORUSP-esp-17fev03).
b. “Carros muito pesados com cargas muito pesadas... trafeguem...acima quer dizer acima do peso [**para o que** ela (a rodovia) foi construída].”
(KATO, 2008 apud VALER, 2008, p. 21).
c. “Maria descobriu o valor [**por quanto** Pedro comprou o livro].”
(VALER, 2009, p. 6)
d. “Derrotado em 1932, [**quando** as tropas de Vargas sufocaram a Revolução Constitucionalista], o Estado buscou liderar o País através do conhecimento científico.” (JO-IF-JORUSP-esp-17fev03)
e. “Também a guerra fiscal direciona investimentos de maneira ineficiente, enviando-os para locais [**onde** apenas se mantêm competitivos enquanto subsidiados pelo governo].” (JO-IF-JORUSP-nac-10mar03_02)
f. João não gosta da forma [**como** Maria se veste].
g. O menino capturou o rato [**cujo** apelido é Mikey].

teria ligação direta com a estrutura hierárquica dos elementos. Assim, o que ocorre é um alçamento do NP alvo da relativização dentro da relativa, ou seja, o NP é alçado à Spec de CP. Por essa análise, a relativa passa a ser vista como um **complemento do determinante**.

Podemos observar que existem diferenças nos dois modelos. Uma quanto à estrutura sintática das relativas e outra relacionada ao alvo da relativização. Neste trabalho, não objetivamos verificar qual dos dois modelos é mais adequado ou responde a mais questionamentos. Desta forma, optamos por analisar as sentenças deste trabalho através do Modelo Tradicional (cf. (i.a)).

h. “Sobre uma colina, [**da qual** se avistavam Vila Mariana, São Caetano e a cidade, defronte ao Ipiranga; os irmãos Emídio, Panfílio e Bernardino Falchi fundavam, em 1890, uma indústria cerâmica.”

(JO-IF-JORUSP-cul-24fev03_01)

i. “Até São Pedro colaborou, porque não deparei com um único dia [**que** não fosse de sol].” (JO-IF-JORUSP-esp-10mar03)

Portanto, as seguintes características identificam as relativas do PB: são sentenças encaixadas e, como tal, são encaixadas como adjunto do nome; contêm um núcleo nominal na sentença matriz, que é correferente à categoria vazia da encaixada através do Spec do C; sempre devem estar adjacentes ao pronome relativo ou à expressão *wh*; contêm um pronome relativo que pode exercer várias funções sintáticas, dentre elas as de sujeito, objeto e adjunto; contêm um pronome relativo correferente ao núcleo nominal e estes têm funções sintáticas independentes; e podem ser introduzidas por qualquer pronome relativo: *quem*, *o que*, *quanto*, *quando*, *onde*, *como*, *cujo*, *qual* e *que*.

A partir dessas características, no PB, podemos identificar dois grupos de relativas: relativas padrão e relativas não padrão. Passaremos agora a descrever as características de cada uma delas de acordo com estudos realizados por Tarallo (1983), Áreas (2002) e Valer (2008).

2.1 Relativas Padrão

A relativa denominada padrão tem esse nome por corresponder às sentenças aceitas pela tradição gramatical. Elas podem ser DP ou PP e são divididas em:

(13) a) relativa padrão DP;

b) relativa padrão PP, que é subdividida em:

b1) relativa *pied piping*;

b2) e relativa *preposition stranding* ou relativa com preposição órfã.

A **relativa padrão DP**, segundo Valer (2008, p. 37), caracteriza-se por ter um pronome relativo encabeçando a sentença e uma categoria vazia (*ec*) correferente ao pronome relativo na posição de onde o pronome foi movido. Quanto à função sintática, o pronome relativo poderá ser sujeito ou objeto direto, funções compatíveis com o DP:

- (14) a. O aluno_i [[**que**]_i [DP *ec*]_i estudou para a prova].
b. João vendeu o carro_i [[**que**]_i a Maria comprou [DP *ec*]_i].
c. João encontrou a menina_i [[**a qual**]_i você conhecia [DP *ec*]_i].

Podemos observar em (14a) que o pronome relativo exerce a função sintática de sujeito da sentença encaixada e, nas sentenças (14b) e (14c), os pronomes *que* e *qual* funcionam como objeto direto dos verbos *comprar* e *conhecer* respectivamente.

No PB, parece que só os pronomes *que* e *qual* conseguem introduzir relativas padrão DP, porque eles têm natureza nominal.

A **relativa Padrão PP** contém uma expressão *wh* (preposição mais pronome relativo) como alvo da relativização. Essa preposição pode ser explícita ou implícita (mas não apagada). Elas podem ser subdivididas em relativa *pied piping* e relativa *preposition stranding*.

Na *pied piping*, a relativa é introduzida por um PP, ou seja, contém uma preposição antecedendo o pronome relativo, além de possuir uma categoria vazia correferente ao PP:

- (15) a. O menino [[**com quem**]_i a Maria conversou [PP *ec*]_i].
b. Maria descobriu o valor [[**por quanto**]_i Pedro comprou o livro [PP *ec*]_i].
c. Este documento não explica o propósito [[**para o que**]_i ele foi escrito [PP *ec*]_i].
d. Eu cheguei do lugar [[**de onde**]_i tu vieste [PP *ec*]_i]. (VALER, 2008, p. 37)
e. Aquela é a cantora [[**de cuja**]_i música [PP *ec*]_i todos gostam].

Nas sentenças entre colchetes de (15a) e (15d), os verbos *conversar* e *vir* exigem um complemento preposicionado e quando o pronome relativo se move para a periferia esquerda da sentença, ele leva consigo a preposição deixando, no lugar, uma [PP *ec*]. Nas sentenças entre colchetes (15b) e (15c), há dois pronomes relativos que funcionam como adjunto adverbial preposicionado e também levam a preposição para a periferia esquerda ao se moverem. Por fim, em (15e), o pronome *cujos* funciona como adjunto adnominal e, também, precisa levar a preposição para a periferia esquerda da sentença ao se mover.

Marchesan (2008), baseada nos traços semânticos de Móia (1992)⁶, afirma que os pronomes relativos *quem*, *quanto* e *o que* são subespecificados, já que incorporam os traços semânticos [+humano], [+quantia] e [+coisa] respectivamente. Essa característica faz com que esses pronomes não consigam ficar adjacentes ao núcleo nominal, como em (16) abaixo, que tem os mesmos traços semânticos:

- (16) a. *O menino [**quem** a Maria conversou [_{PP} *ec*]].
b. *Maria descobriu o valor [**quanto** Pedro comprou o livro [_{PP} *ec*]].
c. *Este documento não explica o propósito [**o que** ele foi escrito [_{PP} *ec*]].

Para esses pronomes, a única possibilidade é a descrita em (15), em que entre o núcleo nominal e o pronome relativo há uma preposição. Outra opção de sentença relativa *pied piping* é com alguns pronomes relativos que, apesar de não apresentarem uma preposição explícita, pode ser percebida porque estão embutidas dentro do pronome. Nesse caso, os pronomes exercerão a função sintática de adjunto adverbial (compatível com um PP). Esse é o caso do pronome relativo *quando* (no momento em que), *onde* (no lugar que) e *como* (da forma que), como podemos observar em (17), abaixo. As sentenças encabeçadas por esses pronomes serão consideradas relativa padrão PP (*pied piping*) em nossa análise:

- (17) a. Derrotado em 1932, [**quando**/em que as tropas de Vargas sufocaram a Revolução Constitucionalista], o Estado buscou liderar o País através do conhecimento científico. (JO-IF-JORUSP-esp-17fev03)
b. Também a guerra fiscal direciona investimentos de maneira ineficiente, enviando-os para locais [**onde**/em que apenas se mantém competitivos enquanto subsidiados pelo governo]. (JO-IF-JORUSP-nac-10mar03_02)
c. Pedro não gosta da maneira [**como**/que/*em que Maria se comporta].

Em (17), os pronomes relativos *quando* e *onde* contêm uma preposição implícita que pode ser percebida facilmente. A exceção é o pronome *como*, que tem “cara” de adjunto adverbial de modo, mas parece rejeitar a preposição [*em que], conforme (17c).

⁶ As análises de Marchesan (2008) e Móia (1992) são feitas para as relativas livres, mas parecem se encaixar nos dados das relativas com núcleo.

Além desse, o pronome *onde*, ao contrário dos demais, pode ser precedido por uma preposição quando todo o PP funciona como objeto indireto, como mostrado em (15d), acima. Esses dois casos merecem um estudo mais aprofundado que deixaremos para pesquisas futuras.

Ao contrário da relativa *pied piping*, a relativa *preposition stranding* ocorre quando o movimento para a periferia esquerda da sentença é só do pronome relativo, deixando a preposição *in situ* (preposição órfã). Esse tipo de relativa é encontrado em línguas germânicas, como o inglês (18a) e línguas escandinavas; mas muito difícil em línguas românicas, como o PB (18b):

- (18) a. The person [[who] Mary talked **to**]. (ÁREAS, 2002, p. 112)
b. *Esse é o *restaurante* [**o qual** mais gosto **de**].

Na sentença (18a), somente o pronome relativo se move para a periferia esquerda da relativa, deixando a preposição sozinha (órfã) ao final da sentença, e não há agramaticalidade. No PB, não há preposição órfã, o que explica a agramaticalidade de (18b), em que a preposição *de* permanece *in situ*.

Apesar de esporádicos, de acordo com Áreas (2002), existem alguns exemplos de relativa *preposition stranding* em PB. Nessas sentenças, as preposições não regem elemento visível ou regem vestígio de elemento deslocado conforme (19a), abaixo:

- (19) a. Este é o texto [**que** nós discutimos **sobre**].
b. *Este é o texto [**o qual** nós discutimos **sobre**].
c. *Este é o texto [**sobre** que nós discutimos].
d. Este é o texto [**sobre o qual** nós discutimos]

A explicação de Áreas é que, quando a preposição possuir mais carga lexical, há chance de termos sentenças com preposição órfã em PB. Observe, no entanto, que a preposição só pode ficar órfã no PB se o pronome relativo utilizado for o *que* – conforme mostra a gramaticalidade de (19a) em oposição à agramaticalidade de (19b). Além disso,

surpreendentemente, o movimento da preposição *sobre* para a periferia esquerda da relativa só é possível se o pronome usado não for o *que* – conforme atestam as sentenças em (19c) e (19d). Um estudo mais detalhado sobre esse conjunto de sentenças precisa ser feito.

2.2 Relativas não padrão

As Relativas não padrão são aquelas que não estão em conformidade com os prescritos da Gramática Tradicional. Elas são divididas em relativas resumptivas DP ou PP e relativas cortadoras. De acordo com Mollica (2006), as sentenças resumptivas são fortemente estigmatizadas nas escolas por não representarem o padrão descrito nas gramáticas tradicionais.⁷

As **relativas resumptivas DP** ou **PP** são também conhecidas como **relativas com pronome lembrete** ou **copiadoras**, pois têm um pronome que retoma (lembra) o nome que foi relativizado, concordando com esse em gênero, número e pessoa:

- (20) a. A **menina** [que **ela** comprou o livro].
b. O **homem** [que eu falei **dele**].

Em (20), o pronome resumptivo é retomado por um DP *ela*, em (20a), e por um PP *dele*, em (20b). Observe que ambos retomam o núcleo nominal e concordam com ele em gênero, número e pessoa.

Uma característica interessante, apontada por Valer (2008), é que as relativas com pronome resumptivo só conseguem coocorrer com o pronome *que*:

- (21) a. *Aquela é a menina [pra **quem** eu comprei o livro pra **ela**].
b. Aquela é a menina [pra quem eu comprei o livro *ec*].
c. Aquela é a menina [**que** eu comprei o livro pra **ela**].

⁷ Conforme tratamos na nota de rodapé 3, as sentenças resumptivas, por serem facilmente percebidas pelos usuários da língua, são estigmatizadas. Com as cortadoras ocorre uma espécie de “surdez” do falante, já que o corte da preposição não é identificado por não estar sendo usado na língua.

As sentenças denominadas como **relativas cortadoras** caracterizam-se pelo apagamento da preposição regida pelo verbo.

(22) A menina [que eu viajei com].

Como podemos perceber, em (22), o verbo *viajar* exige como complemento uma preposição, porém há um apagamento da preposição na sentença (o pronome relativo *que* se moveu para a periferia esquerda).

3 Relativas em dados de escrita

No início deste trabalho, destacamos que um dos desafios com que os linguistas se deparam consiste na observação e análise das construções da língua. Dessa forma, nessa seção, apresentamos alguns estudos que também analisaram as realizações das relativas em dados de escrita para compará-los com os resultados da pesquisa aqui apresentada.

O primeiro que citaremos é o de Bagno (2001) cujo texto propõe a investigação das sentenças relativas que contêm um verbo que rege preposição. Ele utiliza dados do projeto Norma Urbana Culta (NURC), de jornais, além de analisar sentenças literárias e de revistas, a fim de exemplificar e justificar o uso das construções relativas mais produzidas por falantes cultos do PB (na escrita e na fala). O desaparecimento do pronome *cujo* (na escrita, mas principalmente na fala) é apresentado como um fator que demonstra que estamos transferindo características da fala para a escrita, mas, para o autor, o ensino deste pronome deve ser mantido nas escolas, “[...] porque ele ainda tem função na língua escrita mais monitorada.” (BAGNO, 2001, p. 86).

Outro resultado encontrado pelo autor é que “[...] a relativa cortadora veio para ficar.” (BAGNO, 2001, p. 92). Em sua análise com edições de jornais, ele encontrou 56 ocorrências do verbo *gostar* sem o auxílio da preposição *de*.⁸ Isso é um indício, segundo ele, de que estratégias inovadoras da língua vêm ganhando espaço, ocasionando mudanças na norma considerada padrão.

⁸ Não há dados percentuais, por isso, mantivemos o número fornecido pelo autor.

Por fim, o autor afirma, a partir da análise dos seus dados de fala e de escrita, que ainda existe uma preocupação (monitoramento) maior com a escrita, mas que ela apresenta alterações de acordo com características da fala.

Outro estudo é o de Mollica (2006, p. 167) que, em seu artigo, busca analisar inovações na escrita a partir de fenômenos que estão presentes na fala, mas que migram para a escrita. Para tanto, ela busca subsídios para desenvolver uma “Teoria da Mudança da Escrita com base nos postulados do variacionismo, lançados originalmente para o entendimento dos princípios da variação e da mudança linguística da fala.” Para este trabalho, ela analisa as construções *queístas*⁹ e as relativas cortadoras com base na Amostra de Produções Midiáticas de Jornais do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Como resultado, Mollica (2006, p. 169) observou 25% de *queísmos* e 10% de sentenças cortadoras na escrita jornalística contemporânea. Tais resultados permitem à autora concluir que “[...] a mesma realidade se verifica na fala, e a escrita simplesmente reflete os usos orais do português atual.”

Por sua vez, Souza (2006), “Partindo do pressuposto de que uma das principais fontes da língua escrita padrão são os textos jornalísticos, principalmente aqueles publicados nos jornais e revistas de grande circulação”, fez uma comparação das estratégias de relativização na escrita padrão do PB e do português europeu.¹⁰ O *corpus* do PB foi constituído por 75 textos de artigos assinados e não assinados dos anos de 2005, 2004, 2003 e 2002 dos jornais *Brasil* e *O globo*. Os pronomes relativos analisados foram: *o que* (mas foram excluídos aqueles em que esse pronome estava “nas funções sintáticas de sujeito, objeto direto ou predicativo”), *qual*, *quem*, *cujo*, *onde* e *quando*. Os resultados da pesquisa mostraram que, nos dados do PB, a estratégia de relativização padrão é a predominante: das 112 ocorrências encontradas, 106 (96% do total de casos) eram de relativa padrão PP. A não-padrão (cortadora e resumptiva) ficou com apenas 6 realizações, perfazendo 4% dos casos.

⁹ A autora chama de construções *queístas* o que denominamos neste artigo de completivas, como em (i) abaixo:

(i) “... é a mesma coisa que querer nos convencer **que** moramos na Suíça.”
(O Globo, 09-03-04 Cartas). (MOLLICA, 2006, p. 168)

Esse tipo de sentença, por não ser foco deste artigo, será deixado de lado.

¹⁰ Nessa descrição dos resultados encontrados por Souza (2006), deixamos de lado os dados do português de Portugal por não serem o foco deste artigo.

Em resumo, a análise dos dados revelou que: a) o morfema *que* é, indubitavelmente, o mais empregado, mesmo na língua escrita padrão; b) apesar da grande diferença entre a frequência de uso do *que* e do *onde*, este é o segundo morfema relativo mais empregado; c) o *qual* e *cujo* ainda são bastante empregados no português escrito padrão; d) o morfema *quando* também deve figurar no inventário dos relativos; e) o morfema *quem* é o menos empregado; f) as relativas por movimento, nas funções oblíquas, ainda predominam na modalidade escrita padrão tanto em Portugal quanto no Brasil. (SOUZA, 2006).

A autora conclui afirmando que

[...] a partir da análise empreendida [...] no tocante às estruturas de relativização, na modalidade escrita considerada padrão, a estratégia copiadora prototípica inexistente, e a estratégia cortadora, prestigiada e mais frequente na fala de pessoas com alto nível de escolaridade, é inexpressiva qualitativa e quantitativamente. Tais resultados comprovam que a norma dita culta do português do Brasil, estabelecida na segunda metade do século XIX e consolidada, principalmente, na primeira metade do século XX, ainda predomina na escrita formal. (SOUZA, 2006).

O último estudo sobre o assunto encontrado é o recente artigo de Cavalheiro e Conceição (2012), que tem por objetivo “apresentar resultados de um estudo das estratégias de relativização investigadas em 103 textos escritos e reescritos¹¹ por 16 sujeitos considerados altamente escolarizados – acadêmicos do [3º ano do] Curso de Letras/UFGD –, durante o ano de 2008.” Nessa pesquisa, os autores analisaram só as relativas formadas com o pronome *que* que deveria aparecer precedido de preposição (segundo os preceitos da Gramática Tradicional do PB). Os resultados da pesquisa mostraram que os sujeitos pesquisados usam os três tipos de relativização (padrão, cortadora e resumptiva¹²) e que a forma preferida é a relativa cortadora (169 ocorrências – 66%). Em segundo lugar, está a relativa padrão, com 49 ocorrências (20%) e, por fim, a resumptiva com 36 ocorrências (14%). Esses dados, segundo os autores, os levam “[...] a interpretar os usos dos sujeitos investigados nesta pesquisa, não como um erro ou como um simples

¹¹ 23 textos em primeira versão e 80 reescritos. Os textos reescritos tinham a finalidade de recuperar a qualidade discursiva de suas produções escritas, não em aspectos formais. Ou seja, ao corrigir o texto, o professor não ‘marcou’ ou ‘corrigiu’ os aspectos formais (estrutura sintática) do texto.

¹² No artigo, Cavalheiro e Conceição utilizam a denominação *copiadora*. Isso também ocorre no texto de Bagno. Aqui, vamos utilizar o termo *resumptiva* que vem sendo utilizado ao longo deste artigo.

desconhecimento da norma, mas como um reflexo na escrita do que já está consagrado na fala.” (CAVALHEIRO; CONCEIÇÃO, 2012, p. 144-145).

Podemos perceber que os resultados apresentados por Bagno (2001), Mollica (2006) e Souza (2006) estão em conformidade, diferentemente dos resultados obtidos na pesquisa de Cavalheiro e Conceição (2012). Tal diferença poderia, talvez, ser explicada pelo *corpus* que foi analisado por Cavalheiro e Conceição (2012): textos produzidos por acadêmicos do curso de Letras, e não produções jornalísticas, que normalmente procuram observar a norma padrão, como o *corpus* analisado pelos demais autores.

4 Metodologia

Este trabalho é de cunho teórico-bibliográfico e descritivo-explicativo. Ele consiste na revisão de literaturas de textos que tratam do objeto de estudo e na análise das estratégias de relativização encontradas no *corpus* selecionado para esta pesquisa.

O *corpus* para este estudo são os dados disponíveis no projeto Lácio-Web (LW), que teve início em 2002. Este é um projeto que conta com a parceria entre NILC (Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional) e FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP). O projeto Lácio-Web tem por objetivo divulgar e disponibilizar vários *corpora* do PB escrito de forma livre na *Web*. Ele é formado por seis *corpora* - Lácio-Ref, Lácio-Dev, Par-C, Comp-C, Mac-Morpho e Lácio-Sint.

Para nossa análise, utilizamos o **Lácio-Ref**, que consiste em *corpus* composto por textos que respeitam a norma culta. De acordo com o site da coleta dos dados, esse *corpus* conta, atualmente, com 8.291.818 textos. Porém, para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por selecionar uma amostra do material que está disponível. Desta forma, analisamos os textos “Generalidades”, publicados em jornais de 2003.

Desse *corpus*, separamos as ocorrências de relativas, e a análise ocorreu seguindo os seguintes critérios:

- a) estratégia de relativização (padrão, cortadora ou resumptiva);
- b) tipo de verbo que ocorre nas relativas cortadoras;
- c) formas pronominais encontradas no processo de relativização: *quem, quanto, o que, como, quando, onde, que, qual e cujo*; e

d) função sintática do pronome relativo.

Os dados encontrados foram apresentados em tabelas e comparados com os encontrados por Bagno (2001), Mollica (2006), Souza (2006) e Cavalheiro e Conceição (2012).

5 Análise dos dados

Conforme dito, realizamos um recorte dos dados disponíveis e, desta forma, na análise dos textos “Generalidades”, encontramos 176 sentenças relativas, que estão representadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Sentenças Relativas encontradas na análise

DP	PP			
Padrão	Padrão	Resumptiva	Cortadora	TOTAL
140	33	0	3	176
79,5%	18,8%		1,7%	100%

A Tabela 1 mostra que há uma maior preocupação com a escrita formal, já que o número de sentenças padrão (98,3%) é muito superior ao das relativas não padrão (1,7%). Foram encontradas 140 (79,5%) sentenças Padrão DP, 33 (18,8%) Padrão PP e apenas 3 (1,7%) sentenças Cortadoras. Resultados semelhantes foram observados nos trabalhos desenvolvidos por Bagno (2001) e Souza (2006), onde o número de produções padrão nos textos escritos representa o maior percentual.

Em relação às relativas PP, percebe-se que a estratégia de relativização mais utilizada foi a padrão PP, com 33 ocorrências, perfazendo 91,7% do total de 36 (100%) casos de relativas PPs registradas. Em segundo lugar, ficou a cortadora com apenas 3 (8,3%) ocorrências. Esse resultado corrobora o estudo feito por Souza (2006), que encontrou 96% dos casos de relativas padrão PP e apenas 5% de casos de sentenças cortadoras e resumptivas PP.

Através dessa análise, podemos observar que os resultados que obtivemos corroboram as pesquisas desenvolvidas por Bagno (2001), Mollica (2006) e Souza (2006), mas distanciam-se dos resultados obtidos na pesquisa de Cavalheiro e Conceição

(2012). Como afirmamos, essa diferença pode ter ocorrido pelo fato de o *corpus* analisado por Cavalheiro e Conceição (2012) apresentar textos produzidos por estudante do curso de Letras e não produções jornalísticas.

Os três casos de relativas cortadora encontrados estão abaixo:

- (23) a. É dessa emocionante saga migratória [que trata [*ec*] o livro de Franco Cenni, Italianos no Brasil – “Andiamo in ‘Mérica”,] cuja segunda edição foi lançada recentemente pela Edusp. (JO-IF-JORUSP-cul-24fev03_01)
b. Foi em 1878 [que os italianos Lodovico dal Porto e Francesco Casino fundaram na rua Monsenhor Andrade a primeira fábrica de massas alimentícias [*ec*] logo seguida de outras, igualmente pertencentes a italianos.] (JO-IF-JORUSP-cul-24fev03_01)
c. Mas foi em maio de 1926 [que o Barão larga o emprego [*ec*] e decide fundar seu próprio tablóide de circulação nacional,] A Manhã, que supera as fórmulas cansadas de O Malho, Fon-fon e Careta. (JO-IF-JORUSP-cul-24fev03_03)

Observe em (23) que, nos três casos, os verbos utilizados não são os mesmos encontrados por Bagno (2001) – *gostar*. Em dois (23b) e (23c) dos três casos encontrados em nossos dados, há o apagamento da preposição *em* ao contrário da explicação abaixo:

Ao explicar a omissão da preposição nos casos de relativa cortadora, em seus estudos linguísticos, Neves afirma: “Frequentemente, a **preposição** é omitida antes de **pronome relativo objeto indireto**, especialmente a **preposição de**, e especialmente com o verbo gostar” (2000, p. 381, grifo nosso). Vejamos o exemplo apresentado pela linguista: “Tomei banho, fiz a barba, coloquei a roupa * **QUE** eu mais gostava, camisa preta e calça jeans (OMT)”. (CAVALHEIRO; CONCEIÇÃO, 2012, p. 137).

Apesar de os nossos dados não confirmarem o encontrado por Bagno (2001), não podemos afirmar que essa seja uma tendência porque encontramos apenas 3 casos que podem ser considerados não representativos ou irrisórios em uma análise quantitativa.

As sentenças resumptivas não foram localizadas no *corpus* selecionado, diferentemente de Bagno (2001) e Cavalheiro e Conceição (2012), que apresentam um percentual significativo destas estruturas relativas, o que pode ser explicada pelo tipo de *corpus*

usado pelos autores: jornais e redações universitárias. Ao contrário, os dados deste estudo confirmam o resultado do trabalho desenvolvido de Souza (2006), que também analisou dados de textos jornalísticos e encontrou apenas 6 realizações (5%) de relativas não padrão (cortadoras e resumptivas). Talvez pelo fato de o nosso *corpus* ser composto por textos escritos em jornais e essa estratégia de relativização ser mais estigmatizada, não tenha sido muito usada.

Assim, concordamos com Souza (2006) que afirma,

Dentro desse quadro, é de se esperar que a primeira estratégia citada [padrão] seja a privilegiada nas práticas de ensino do vernáculo em detrimento das outras, embora não seja a mais usada na modalidade falada da língua, como já foi comprovado por várias pesquisas.

O presente estudo correlaciona-se à hipótese de Kato (2005) de que o vernáculo é um, e a língua portuguesa (escrita) ensinada nas escolas é outra; tese defendida também por Mattos e Silva (2004). Assim, não é difícil constatar que a estratégia preconizada pelas gramáticas normativas e pelos manuais de redação e estilo, quando é apre(e)ndida pelos nossos estudantes – principalmente os de ensino fundamental e médio –, processa-se com dificuldades visto que não faz parte do seu vernáculo.

A Tabela 2 apresenta os pronomes relativos e sua ocorrência em cada uma das estratégias de relativização analisadas.

Tabela 2 – Formas pronominais encontradas nos dados analisados

	Padrão	Resumptiva	Cortadora	TOTAL
Que	140	0	3	143 – 81,2 %
PP + que	5	0	0	5 – 2,8%
PP + qual	11	0	0	11 – 6,2%
Como	0	0	0	0
Onde	6	0	0	6 – 3,4%
Quando	2	0	0	2 – 1,1%
Cujo	8	0	0	8 – 4,5%
PP + quem	1	0	0	1 – 0,56%
O que	0	0	0	0
Quanto	0	0	0	0
TOTAL	173 – 98,3%	0	3 – 1,7%	

Como já era de se esperar, o pronome relativo mais utilizado foi o *que*, com 143 ocorrências, perfazendo 81,2% dos casos encontrados. Os dados de escrita encontrados aqui se assemelham aos dados de fala observados na análise realizada por Valer (2008), onde a preferência dos falantes também é pelo uso do pronome relativo *que*. Nessa análise de dados de fala de informantes florianopolitanos retirados do projeto VARSUL, a autora encontrou em 75% (1280), dos 1696 casos de estratégias de relativização, o uso do pronome relativo *que*, sendo 95% das estratégias relativas padrão, 100% das resumptivas e 100% das cortadoras.

A Tabela 2 também revela que o pronome *cujo* continua sendo empregado na escrita (8 realizações, perfazendo 4,5%), da mesma forma que tal dado foi apresentado por Bagno (2001).

Ao observarmos as funções sintáticas dos pronomes relativos, pudemos classificá-los como na Tabela 3:

Tabela 3 - Função sintática do pronome relativo

	Padrão DP	Padrão PP	Cortadora	Resumptiva	TOTAL
Objeto Direto	18	0	1	0	19 – 10,8%
Objeto Indireto	0	6	0	0	6 – 3,4%
Complemento de preposição (PP)	0	1	0	0	1 – 0,57%
Sujeito	121	0	0	0	121 – 68,7%
Adjunto Adnominal	1	9	0	0	10 – 5,7%
Adjunto Adverbial	0	17	2	0	19 – 10,8%
Predicativo	0	0	0	0	0
TOTAL	140 – 79,55%	33 – 18,7%	3 – 1,7%	0	

Através da análise da Tabela 3, constatamos que o maior índice de relativizações ocorre com o pronome relativo exercendo função sintática de sujeito, com 121 ocorrências, perfazendo 68,7% do total de estratégias de relativização encontradas. Em segundo, está a função sintática de objeto direto (10,8%). Nos dados de fala, Valer (2008) também encontrou essas mesmas funções sintáticas como as mais usadas.

Dentre as relativas PP, a função sintática de adjunto adverbial (10,8%) foi a mais recorrente. Em segundo lugar, encontramos o adjunto adnominal (5,7%). Dos dez casos de adjunto adnominal, nove se referem aos usos do pronome *cujo*, considerados arcaicos nos dados de fala. Em (24) apresentamos alguns exemplos do uso do pronome *cujo*, encontrados nos dados analisados, mostrando que esse uso ainda está presente na escrita do PB.

- (24) a. O Projeto de Lei número 9, do governo anterior, [cujos argumentos [ec] estão sendo agora estudados], reforça a tese dos que acusam o PT de ter mudado o discurso quando assumiu o poder.

(JO-IF-JORUSP-nac-24fev03_01)

- b. Estima-se que o montante de recursos movimentados por essas instituições, no ano de 2001, foi equivalente ao orçamento da USP. E há algumas [cujos rendimentos [ec] se restringem exclusivamente a cursos pagos]. (JO-IF-JORUSP-pes-24fev03)

Considerações finais

A produção escrita sempre teve uma grande preocupação em respeitar a norma culta da língua. Com o passar dos anos, a escrita aproximou-se muito da fala, realizando alguns fenômenos que despertaram o interesse dos pesquisadores linguistas, pois características que antes eram representadas somente pela fala, hoje já podem ser encontradas também na escrita.

Assim, este trabalho objetivou verificar quais são as estratégias de relativização mais frequentes nos dados de escrita dos textos “Generalidades”, publicados no Lácio-Ref, e comparar os resultados com outras pesquisas realizadas sobre as relativas em dados de escrita.

De maneira sintética, vimos que uma relativa é uma sentença encaixada como adjunto do nome. Ela possui um núcleo nominal na sentença matriz, que é retomado pela categoria vazia da encaixada através do Spec do C. Além disso, sempre deve estar adjacente ao pronome relativo ou à expressão *wh* podendo ser introduzida por qualquer pronome relativo que pode exercer várias funções sintáticas distintas e independentes.

Na sequência, analisamos os dados de escrita do projeto Lácio-Ref e constatamos que a quase totalidade dos dados encontrados são de relativas padrão. A utilização do pronome *cujo* também foi um fator que nos surpreendeu, uma vez que ele está praticamente em desuso no PB. O pronome mais frequente foi o *que*, assemelhando-se aos dados de fala apontados por Valer (2008).

De acordo com Bagno (2001), “a sentença relativa cortadora veio para ficar” (p. 92), pois ela está presente em várias sentenças, inclusive em meios de comunicação considerados de elite. Em nossa pesquisa, pudemos observar que esse aparecimento ocorreu de forma singela, mas demonstrando que as expectativas apresentadas pelo autor realmente estão ocorrendo na língua.

As análises realizadas puderam nos proporcionar a certeza de que ainda existe uma grande preocupação com a modalidade da escrita, procurando respeitar a norma padrão. Porém, através das leituras realizadas para este trabalho, nota-se que, cada vez mais, a escrita aproxima-se da fala, e esse fenômeno também ocorre com o uso das relativas.

Bibliografia

ÁREAS, E. K. N. *Aspectos estruturais da relativização em português: uma análise baseada no modelo Raising*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

BAGNO, M. Cores que eu não sei o nome. In: *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

CAVALHEIRO, J. S.; CONCEIÇÃO, R. I. “Essa é a cor que eu gosto” ou “Essa é a cor de que eu gosto?": um estudo sobre o uso de orações relativas na escrita. *Revista ArReDia*, Dourados, v. 1, n. 1, p. 132-148, jul./dez. 2012. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/1775/1125>.

Acesso em: 3 ago. 2014.

CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Ed.). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

CORRÊA, V. R. Aprendendo a relativa padrão na escola. *Caderno de estudos linguísticos*, Campinas, v. 36, n. 71, p. 71-83, jan./jun. 1999.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.

MARCHESAN, A. C. *As relativas livres em português brasileiro e os Requerimentos de Compatibilidade*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91537/251008.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 set. 2013.

MOLLICA, M. C. Sobre os processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In: 8th Hispanic Linguistics Symposium. *Proceedings...* Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 167-171.

SOUZA, E. S. A. C. Estratégias de relativização na escrita padrão do português brasileiro e europeu. In: X Congresso Nacional de Linguística e Filologia. *Anais...* Niterói: [s.n.], 2006. Não paginado. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xcnlf/17/10.htm>. Acesso em: 4 ago. 2014.

TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado em Filosofia) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

VALER, S. Aspectos formais e semânticos das sentenças Relativas do PB. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, n. 11, p. 1-18, 2009. Disponível em: <http://www.lettramagna.com/relativapb.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2014.

VALER, S. *As sentenças relativas com núcleo nominal nos dados de fala (projeto Varsul) de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Data de submissão na OJS: 18/03/2016

Data de aceite registrado na OJS: 12/08/2016